

COLONIALISMO DIGITAL: POR UMA CRÍTICA HACKER-FANONIANA [DEIVISON FAUSTINO E WALTER LIPPOLD]¹

Valdir Damázio Júnior²



O presente texto consiste em uma resenha do livro *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*, publicado no ano de 2023 pela editora Boitempo e escrito em parceria por Deivison Faustino (UNIFESP) e Walter Lippold (UFF).

¹Resenha recebida em 19/02/2024. Primeira Avaliação em 02/04/2024. Segunda Avaliação em 07/05/2024. Aprovado em 12/07/2024. Publicado em 07/08/2024.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.62026>.

²Doutorando em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Brasil. Mestre em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Professor do Departamento de Matemática da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil.

Email: valdir.damazio@udesc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9013039169376531>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0741-003X>.

Ao apresentarem suas reflexões sobre as transformações sociais proporcionadas pelas novas tecnologias, Deivison e Lippold defendem que a análise crítica da formação social não pode perder de vista algumas características indissociáveis do desenvolvimento e manutenção do sistema capitalista, como o colonialismo e o imperialismo. Diante disso, defendem a tese de que vivemos uma etapa do desenvolvimento do capitalismo que pode ser denominada de colonialismo digital.

Segundo os autores, “o colonialismo digital não é mera metáfora ou discurso de poder, mas um dos traços objetivos do atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista” (Deivison e Lippold, 2023. p. 84). As características desse colonialismo digital podem ser expressas como: 1) uma nova partilha territorial do globo, desta vez entre os monopólios da indústria da informação; 2) controle cada vez mais eficiente da vida humana por processos extrativistas automatizados com o objetivo de captar o maior número de dados e convertê-los em valor.

Na primeira parte do trabalho, intitulada *O dilema das redes e a atualidade do colonialismo*, os autores procuram problematizar a existência de um suposto dilema em torno da tecnologia no qual os avanços tecnológicos propiciam perigos à humanidade, seja pelas transformações sociais que acarretam ou mesmo pela possibilidade da tecnologia fugir ao controle humano. Apontam também que tratar a relação entre sociedade e tecnologia sob esta perspectiva só é possível se assumirmos como verdadeiro o mito da neutralidade, que não considera a tecnologia como “[...] fruto de relações sociais historicamente determinadas que a projetam de acordo com certas finalidades políticas, culturais e econômicas” (Deivison e Lippold, 2023, p. 53).

Após apresentarem seus argumentos de que a tecnologia deve ser analisada como um elemento do modo de produção capitalista, Deivison e Lippold ampliam esta discussão alertando para a necessidade de aprofundar as relações atuais da tecnologia com outras dimensões históricas indissociáveis do sistema capitalista, como o colonialismo, o imperialismo e o racismo. Isto porque “[...] não há capitalismo sem colonialismo e, por sua vez, não há colonialismo sem racismo, e ambos estão interligados dialeticamente por uma relação de determinações reflexivas” (Deivison e Lippold, 2023, p. 45). Se a tecnologia ocupa hoje um lugar de destaque na

reprodução do sistema capitalista, então ela inevitavelmente reproduz também elementos do colonialismo e, conseqüentemente, do racismo.

Uma vez que as transformações técnicas possibilitadas pelas tecnologias digitais no século XXI são indissociáveis do sistema de produção capitalista, sustentado pela divisão de classes e expropriação de valor, os autores defendem que o método dialético e a teoria marxista do valor ainda se constituem como um fértil instrumento teórico-metodológico de análise. Esta tese é trabalhada na segunda parte da obra, intitulada *Colonialismo digital, acumulação primitiva de dados e a psicopolítica*, onde os autores se contrapõem a perspectivas teóricas que defendem que a teoria do valor desenvolvida por Marx não daria mais conta de explicar o atual estágio da sociedade profundamente transformada pelo desenvolvimento técnico.

Muitas das tendências que advogam a desatualização da teoria marxista do valor e da luta de classes, atribuem ao desenvolvimento informacional uma possibilidade de valorização do tipo D-D' (valorização do valor) que prescindia da mediação produtiva. Isso porque os produtos informacionais, ou virtuais, poderiam ser replicados e “produzidos” indefinidamente sem efetivamente passarem repetidamente pelas relações de produção.

Segundo os autores, tais argumentos só se sustentam pela crença na imaterialidade das novas tecnologias digitais. Neste sentido, buscam destacar justamente o aspecto material de qualquer tecnologia, mesmo dos mais sofisticados algoritmos ou softwares, uma vez que todos são dependentes de tempo e espaço e, portanto, frutos de trabalho e produção humanas que podem ser expropriadas pelo capitalismo. Não é possível existir softwares sem hardwares, ou tecnologias como internet, armazenamento nas nuvens etc, sem uma extensa rede de cabos de fibra óptica e servidores. Da mesma forma, não é possível existir hardwares e a estrutura material em que pretensamente o valor possa ser produzido fora da exploração do trabalho, sem “[...] ouro, lítio, columbita, tantalita, coltan, cobalto, entre outras matérias-primas frequentemente extraídas de forma violenta de terras indígenas ou africanas pelo garimpo predatório (Deivison e Lippold, 2023, p. 100)”.

Os autores apontam ainda que vivemos um processo em que se opera uma ofensiva (sem nenhum tipo de regulamentação) sobre espaços que antes não eram expropriados, tais como os momentos de ócio, de lazer, a criatividade, a cognição, a

subjetividade etc. Todas essas esferas da vida humana passam a ser consideradas possuidoras de dados valiosos a serem extraídos e convertidos em valor sob a lógica exploratória capitalista. Estes dados servem inclusive para permitir tornar mais produtivo o tempo de trabalho, preenchendo espaços até então vazios por serem considerados momentos improdutivos.

Segundo as análises apresentadas na obra, estamos vivendo um processo de acumulação primitiva de dados operado pelas grandes corporações de tecnologia que, sob diversos aspectos, se assemelha à acumulação primitiva nas fases iniciais do capitalismo. Essa acumulação primitiva de dados seria uma das faces do colonialismo digital que se manifesta por um processo de apropriação de dados que pode ser entendido como um conjunto de práticas estabelecidas pelas plataformas com objetivo de extrair lucro da vivência digitalizada dos sujeitos. Essa prática só é possível “[...] a partir de uma lógica violenta e despótica que lembra a velha acumulação primitiva (Deivison e Lippold, 2023, p. 110).

Independentemente da qualidade das transformações técnicas pelas quais estamos passando, “[...] é na catastrófica direção da expropriação e da valorização do valor que os algoritmos e as redes neurais têm se direcionado, ou melhor, têm sido direcionados” (Deivison e Lippold, 2023, p. 129).

Na terceira parte do livro, intitulada *A descolonização dos horizontes tecnológicos*, são apresentadas algumas conclusões e perspectivas de ação frente ao cenário atual. Para isso discute-se as promessas da “ideologia californiana”, que se manifesta pela crença de que as soluções tecnológicas desenvolvidas pelas empresas do vale do silício serão capazes de resolver os problemas sociais de nossa época. Os autores se opõem a esse solucionismo capitalista denunciando a ingenuidade e racismos presentes nessas concepções como uma nova *mission civilizatrice*, reinventando a visão do fardo do homem branco em ter que propagar a civilização, agora como o fardo do nerd branco, cuja manifestação seria a benevolência das *big techs*.

A crítica que os autores fazem ao solucionismo presente na ideologia californiana do vale do silício os leva a questionar sobre possíveis formas de superá-lo e de organizar os trabalhadores na luta contra as novas formas de exploração. Para responder a essa questão e apontar para possíveis perspectivas de ação, sugerem que poderíamos aprender com Franz Fanon e suas práticas

visando uma descolonização da tecnologia em plena revolução Argelina. Segundo os autores, Fanon nos apresenta muitas contribuições para pensar a resistência ao colonialismo digital, num processo em que “[...] não se trata de refutar ou adorar a tecnologia, mas de colocar a ciência e a tecnologia a serviço da emancipação” (Deivison e Lippold, 2023, p. 222).

Assim como Fanon propunha a apropriação anticolonial de muitas tecnologias introduzidas pelos franceses na Argélia, é importante o engajamento de diferentes atores e setores nos processos de descolonização dos meios de comunicação e na criação de conteúdos que contribuam para esse processo. Em paralelo, faz-se necessário o aprofundamento do debate “[...] sobre o papel das big techs nas formas contemporâneas de exploração e dominação” (Deivison e Lippold, 2023, p. 232).

Como conclusão, destacam algumas iniciativas que já realizam ações contra-hegemônicas, como o movimento do software livre e o hacktivism. Além disso, alertam para a importância de ampliar ações que denunciem o caráter destrutivo do modo de produção capitalista e a socialização dos saberes que permitam uma apropriação anticolonial das tecnologias.

Deivison e Lippold apresentam em sua obra importantes contribuições para o entendimento de como as tecnologias digitais se relacionam com o atual estágio do modo de produção capitalista e as consequências dessa relação para a dinâmica da luta de classes. Tais análises são tecidas sem deixar de considerar os aspectos políticos e econômicos envolvidos na temática. É com base na análise material que os autores desenvolvem seus argumentos e apresentam o colonialismo digital como uma das características do atual modo de exploração capitalista.

Dada a relevância e a qualidade da discussão desenvolvida pelos autores, a obra aqui resenhada apresenta-se como um importante material para pesquisadores preocupados com os efeitos das tecnologias digitais na sociedade. O livro também é altamente recomendado para todos que queiram compreender melhor o lugar ocupado pelas tecnologias digitais no modo de produção capitalista no século XXI.

Referências

FAUSTINO, D; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo, SP: Boitempo, 2023. E-book.